

## **MEDIAÇÕES SIMBÓLICAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM ESCOLAR**

**Kênia Ribeiro da Silva**

**Resumo.** O texto aborda o conceito de mediação simbólica na perspectiva da teoria histórico-cultural para discuti-lo em relação ao ensino-aprendizagem escolar, adotando como referência principalmente as ideias de Vygotsky e de Bernardes. Conclui-se defendendo a importância das mediações simbólicas serem consideradas na organização da escola, da atividade pedagógica do professor e do ensino-aprendizagem, sobretudo na escola pública a fim de que cumpra sua função em promover a construção do conhecimento historicamente produzido.

**Palavras-chave:** Mediações; mediações simbólicas; relação ensino-aprendizagem.

### **Introdução**

Na concepção da teoria histórico-cultural o conceito mediação simbólica remete à intencionalidade educativa e, com ela, à complexidade da educação escolar e sua objetivação no processo ensino-aprendizagem. Por considerar que as mediações simbólicas ocupam lugar central no processo ensino-aprendizagem escolar, seja no processo de apropriação da cultura histórica da humanidade convertida em conteúdo escolar, seja nas práticas socioculturais que atravessam a escola, nesse texto busca-se apresentá-lo e discuti-lo, apontando sua fertilidade para a atividade pedagógica do professor e para o favorecimento da aprendizagem e desenvolvimento dos educandos. Para atingir esse objetivo, aborda-se o conceito mediações simbólicas discutindo-se sua relação com o ensino-aprendizagem. São tomadas principalmente as ideias do psicólogo russo Lev. Semenovitch Vygotsky, criador da teoria histórico-cultural e da pedagoga brasileira Maria Eliza Mattosinho Bernardes, pesquisadora da teoria histórico-cultural e da teoria da atividade de A. N. Leontiev. Primeiramente apresenta-se o conceito de mediação na concepção da teoria histórico-cultural e, em seguida aborda-se seu papel no desenvolvimento do pensamento do educando no contexto escolar para, finalizando, apresentar algumas considerações.

#### **1. O conceito de mediação na concepção da teoria histórico-cultural**

Tratar do conceito de mediação simbólica requer que antes seja situado seu lugar na teoria histórico-cultural formulada por Lev Semenovitch Vygotsky. Como se sabe, ele foi um psicólogo russo que se dedicou ao estudo da formação psicológica humana. Profundamente influenciado pelos postulados marxistas, Vygotski, afirma que a origem das atividades psicológicas deve ser procurada nas relações sociais, históricas e

culturais, do indivíduo com a realidade. Em suas pesquisas ele mostrou que o ser humano, no seu desenvolvimento psicológico, apresenta funções que se distinguem em dois tipos: as funções psicológicas elementares e as funções psicológicas superiores. Esta abordagem investiga e explica o modo como se constituem as funções psíquicas superiores dos indivíduos como processo histórico-cultural na composição de alterações em sua maneira de ser e de agir.

Desde o nascimento de uma criança, esta já possui funções psicológicas básicas ou elementares. Estas se referem a praticamente tudo que nos constitui como indivíduos. As funções como sensação, percepção, atenção, memória, pensamento, linguagem, motivação, aprendizagem, dentre outras, são caracterizadas na psicologia como “Processos Psicológicos Básicos”. Essas funções derivam tanto das interações de processos inatos quanto de processos adquiridos, junto a relações do indivíduo em sua experiência e vivência com o meio. Apesar das distinções desses processos é por meio de sua relação e influência que se pode compreender a dinâmica da mente, pois eles interagem e até dependem de outros processos. No processo de interação social da criança com os adultos e com as outras crianças, as funções elementares se transformam em funções superiores.

As funções mentais superiores dos indivíduos são descritas como a linguagem oral e escrita, o desenho, a representação, a lógica, os conceitos, a concepção de mundo, o pensar em objetos ausentes, o imaginar situações nunca vivenciadas, o planejar ações a serem realizadas, isto é, criar, inventar e imaginar um mundo de possibilidades. A mediação simbólica, enquanto forma de ação e de pensamento, diz respeito às funções psicológicas superiores. Todavia, não se pode compreender as funções psíquicas, e o entrelaçamento dialético de suas linhas genética biológica e cultural, se não for historicamente.

O termo mediação supõe um processo de intervenção de um elemento de intermediação que se encontra interposto entre uma coisa e outra. A relação entre pessoas e entre pessoas e objetos da cultura não se dá de forma direta, mas é mediada por esse elemento. A presença de elementos mediadores introduz um elo a mais nas relações organismo/meio, tornando-as mais complexas. O processo simples estímulo-resposta, de origem natural e biológica, é substituído por uma ação complexa, mediada. A mediação caracteriza a relação do homem com o meio em que está inserido e com os outros homens. É através desse processo que as funções psicológicas superiores especificamente humanas se desenvolvem.

Na relação dos seres humanos entre si e com a realidade há dois tipos de mediadores distinguidos por Vygotski: os instrumentos e os signos. Para o autor, “a invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico” (VYGOTSKI, 1991, p. 38). Portanto, o conceito mediações simbólicas refere-se às relações dos sujeitos com o objeto de estudo historicizado e as ações e operações coletivas e cooperativas dos sujeitos nos aspectos cognitivo, volitivo e afetivo.

Para Vigotsky (1991), os instrumentos na atividade humana compreende as características do homem através do estudo da origem e do desenvolvimento da espécie humana, tomando o surgimento do trabalho e a formação da sociedade com base no trabalho como sendo o processo básico que vai marcar o homem como espécie diferenciada. Para ele, é o trabalho que, pela ação transformadora do homem sobre a natureza, une homem e natureza e cria a cultura e a história humanas.

No trabalho desenvolve-se tanto a atividade coletiva e as relações sociais quanto a criação e utilização de instrumentos. O instrumento é um elemento interposto entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho, ampliando as possibilidades de transformação da natureza. É constituído para um objetivo específico, carrega consigo a função para a qual foi criado e o modo de utilização desenvolvido durante a história do trabalho coletivo. Os instrumentos são elementos externos ao homem e sua função é gerar transformações nos objetos e reger processos na natureza, nas ações concretas.

A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza (VYGOTSKI, 1991, p. 40).

Já os signos, outro tipo de mediador explicado por Vygotski (1991), caracterizam-se como “instrumentos psicológicos” conduzidos pelo sujeito para orientar o controle de ações psicológicas, sejam dele próprio sejam de outras pessoas. Na sua forma mais rudimentar, o signo é uma marca externa que auxilia o homem em suas atividades psicológicas. Os processos mediados são construídos ao longo do desenvolvimento humano e sofrem alterações neste percurso justamente por constituírem funções psicológicas mais sofisticadas. Apesar disso, Vygotski aponta o exemplo do costume de amarrar barbantes nos dedos para não esquecer alguma coisa, à qual está relacionado com a psicologia da vida cotidiana. Ou seja, uma pessoa deve

lembrar alguma coisa, ou cumprir um compromisso, fazer algo, ou mesmo buscar uma encomenda e ao desconfiar da própria memória, o sujeito amarra uma fita no dedo, dá um nó no lenço ou outros recursos semelhantes a fim de que tais recursos, mais tarde, o ajudem a lembrar de algo a ser feito, de modo que este artifício cumpra esta função.

Por um lado, a utilização de marcas externas vai se transformando em processos internos de mediação. Esse mecanismo é chamado por Vygotski de processo de internalização. E, por outro lado, são desenvolvidos sistemas simbólicos, que organizam os signos em estruturas complexas e articuladas. Ao longo do processo de desenvolvimento, o indivíduo deixa de necessitar de marcas e passa a utilizar signos internos, isto é, representações mentais que substituem os objetos do mundo real. “O signo [...] não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente”. Portanto, os instrumentos e os signos são atividades distintas, cuja natureza dos meios por elas utilizados não pode ser semelhante (VYGOTSKI, 1991 p. 40).

Como sujeito do conhecimento, o homem não tem relação direta com os objetos, mas seu acesso é mediado por recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe. Desse modo, a constituição do conhecimento se dá por meio da interação mediada por várias relações, isto é, o conhecimento não decorre de uma ação imediata do sujeito sobre a realidade, pois ele depende da mediação realizada por outros. O outro social apresenta-se por meio de objetos, da organização do ambiente, do mundo cultural que rodeia o indivíduo.

Na perspectiva do materialismo histórico dialético de Marx e Engels (2002), a constituição humana ocorre dentro de um processo que envolve o indivíduo e a sociedade na qual está inserido. Dito de maneira diferente, o humano se faz humano em sua relação com outro humano. O modo e os meios de produção definem a constituição dessas relações. Quando os meios de produção são alterados também se modificam as relações sociais uma vez que ambos são essencialmente interdependentes.

De acordo com Vygotsky (2004), o referencial histórico-cultural compreende a relação entre sujeito e objeto no processo do conhecimento de modo interativo uma vez que a constituição do conhecimento e do próprio sujeito se dá a partir de relações inter e intrapessoais. É na troca com outros sujeitos e consigo mesmo que o homem internaliza saberes, papéis e funções sociais, permitindo a constituição de conhecimentos e da própria consciência. O desenvolvimento humano implica no processo de interiorizar as

construções histórico-sociais, primeiro externa, numa relação intersíquica com os objetos e com os outros, depois internamente, por meio de uma atividade mental intrapsíquica e individual.

Vygotsky (2004) compreende que o desenvolvimento do pensamento não se dá no sentido do pensamento individual para o socializado, mas do pensamento socializado para o individual. Essa constatação permitiu a Vygotsky compreender que o pensamento não é formado com autonomia e independência, mas sob condições determinadas, sob a mediação dos signos e dos instrumentos culturais que se apresentam histórica e socialmente disponíveis. Para Vigotski (2010), a cultura é vetor das ações mentais construídas historicamente e materializadas em instrumentos e signos culturais que são os elementos mediadores entre a realidade e o sujeito. É bom ter claro que uma das críticas a Vygotski é que ele não explicitou o conceito de cultura, apenas limitou-se a considerá-la como tudo que não é dado pela natureza, mas, ao contrário resulta da criação e da ação humanas.

O processo do conhecimento como processo mediado se inicia na mais tenra idade do indivíduo, muito antes de entrar na escola, pois desde que nasce e durante seus primeiros anos de vida, encontra-se em interação com outros sujeitos e situações, permitindo-lhe a atribuição de significados a diferentes ações, diálogos e vivências.

Muito embora a aprendizagem que ocorre antes da chegada da criança à escola seja importante para o seu desenvolvimento, Vygotsky atribui um valor significativo à aprendizagem escolar que, no seu dizer, "produz algo fundamentalmente novo no desenvolvimento da criança" (VIGOTSKY, 1987, p. 95).

Para Vygotsky, a aprendizagem favorece e impulsiona o desenvolvimento das funções mentais. Segundo o autor, "o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer" (VIGOTSKY, 1987, p. 101). E em outro texto, "(...) o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento" (VIGOTSKI, 2010, p.115).

Vygotsky (2004) compreende que o desenvolvimento da mente humana requer uma ampliação na capacidade dos sujeitos de pensarem reflexivamente a respeito de suas relações com o conhecimento e com os outros em seu contexto sociocultural num determinado momento de sua realidade de vida, de modo que estes sujeitos sejam capazes de transformar a si próprios e a sua realidade.

Corroborando esta análise, Bernardes (2012, p. 25) afirma que o professor – sendo um sujeito que ocupa um lugar social específico na sociedade e que detém certos conhecimentos teórico-práticos, os quais determinam a constituição de sua atividade principal, qual seja a atividade de ensino – é responsável por sua práxis na atividade pedagógica. Desse modo, “a forma e o conteúdo de como a atividade de ensino é organizada, influenciam a forma e o conteúdo de como os estudantes, na sua atividade principal – a atividade de estudo, desenvolvem o pensamento teórico”.

A relação com o meio externo é considerada, nas construções teórico-metodológicas do materialismo histórico dialético, a base do desenvolvimento do pensamento, indicando que as sensações e percepções são entendidas como unidades primárias na elaboração do conhecimento acerca do mundo objetual. Todavia, estas relações não são as únicas formas de apropriação da realidade.

Partindo da conceituação de que o pensamento é reflexo ativo da realidade objetiva e de que tem uma constituição social determinada pelas relações entre o material e o ideal, o físico e o psíquico, o racional e o não racional o racional e o judicativo, o intuitivo e o discursivo e principalmente entre o abstrato e o concreto, torna-se preponderante definir as ações pedagógicas que possibilitam a superação do pensamento empírico (BERNARDES, 2012, p. 183).

Há ações pedagógicas no dia-a-dia escolar capazes de criar possibilidades para que os estudantes interajam com a realidade, porém nem sempre “há condições materiais e ideais necessárias para que estas ações atendam as necessidades do desenvolvimento infantil” (BERNARDES, 2012, p. 184) de modo que o ensino venha cumprir seu objetivo.

Estes fatos levam-nos à compreensão de que “o pensamento teórico não é natural, nem mesmo é espontâneo”. Para atingir a qualidade de teórico é necessário que haja a reflexão dialética “a respeito da razão pela qual o conceito é definido, relacionando-o a outros conceitos”. É importante considerar que só por meio da mediação consciente do educador referente aos “nexos internos do conceito é que se torna possível superar a condição de pensamento empírico” (BERNARDES, 2012, p. 184). Como a autora pontua, o pensamento teórico é, portanto, “produto do uso de instrumentos e signos elaborados sócio historicamente” e, nessa condição, “considera-se que o conceito é uma produção humana que é apropriada pelos estudantes na atividade pedagógica, e não uma construção particular promovida pelo processo de reflexão a partir de percepções sensoriais” (*ibidem*).

De acordo com Bernardes (2012), as ações e operações coletivas e cooperativas entre os sujeitos assumem especificidades que as tornam diferentes, sobretudo nos aspectos cognitivo, volitivo e afetivo, às quais assumem condições favoráveis da práxis pedagógica que possibilitam o desenvolvimento do pensamento teórico dos educandos.

## **2. As mediações simbólicas e o desenvolvimento do pensamento teórico no contexto escolar**

De acordo com Bernardes (2012), o homem por possuir capacidade de representação simbólica foi capaz de criar historicamente os signos, tendo a cultura como oferta de material ao campo simbólico. Desta forma, com a evolução humana, todos os grupos sociais constituíram sua língua que, em Vigotsky, se expressa pelo termo linguagem.

A linguagem é essencialmente humana, pois implica em possibilitar ao homem a apropriação das elaborações histórico-culturais humanizando-o e, ao mesmo tempo, transformando-o. Todavia, a linguagem está além de uma simples estrutura semântica, corresponde a uma estrutura funcional e instrumental na qual possibilita a interação dos sujeitos entre si. Vai além dos limites da oralidade enquanto ação motora; aponta como uma operação na atividade humana. Bernardes (2012) acrescenta pontuando que a linguagem, como ferramenta de mediação humana e intencional, favorece o acesso a todos aos bens culturais produzidos historicamente.

Para Vigotsky (1987), a linguagem, um dos processos mais significativos do desenvolvimento da consciência humana, age decisivamente na estrutura do pensamento e é ferramenta básica para a constituição de conhecimentos. Para ele, a linguagem, em seu sentido amplo, é considerada como um instrumento, pois ela atua para transformar o desenvolvimento e a estrutura das formas mais elaboradas de pensamento assim como os instrumentos criados pelos homens modificam as formas humanas de vida. A linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos sendo a principal mediadora entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Em cada situação de interação, o sujeito está em um momento de sua trajetória particular trazendo consigo determinadas possibilidades de interpretação do material que obtém do mundo externo.

Na compreensão de Bernardes (2012, p. 26) a linguagem como ferramenta de mediação humana, intencional, favorece o acesso a todos aos bens culturais produzidos historicamente, pois “o processo de transformação na constituição dos sujeitos a partir

da atividade pedagógica é objetivado pela comunicação entre os sujeitos, por meio da linguagem como manifestação do pensamento”.

A constituição da consciência decorre da mediação “da produção humana, material e ideal” por meio das relações sociais. É em decorrência da vida em sociedade que se constroem “as condições e circunstâncias que promovem a constituição da consciência e do desenvolvimento psicológico de ambos, professor e educando” (Bernardes, 2012, p. 20).

Bernardes (2012) afirma que o núcleo das ações e operações na atividade de ensino é a criação de condições proficuas para o desenvolvimento do pensamento teórico, como um dos processos psicológicos superiores do gênero humano a ser desenvolvido no contexto escolar, a partir dos distintos tipos de mediações simbólicas instituídas na relação de ensino-aprendizagem. Considera que para isso é necessário articular o conhecimento nas dimensões ontológica (forma como o indivíduo se forma dentro de determinadas situações sócio históricas), epistemológica (refere-se ao modo como se conhece esse processo do conhecimento) e lógica (é inerente a esse processo do conhecimento e refere-se ao modo como o sujeito se apropria do mesmo).

A autora busca compreender e explicitar como as relações da atividade pedagógica podem fomentar a transformação das funções psíquicas superiores dos indivíduos e analisar as circunstâncias e as condições necessárias para que a instrução possa se constituir como instrumento que favoreça a transformação dos indivíduos, e, conseqüentemente da própria sociedade de modo a superar o processo de alienação historicamente estabelecido no meio social e, sobretudo, no sistema educacional atual.

Para reforçar a importância dada à atividade pedagógica, a autora recorrendo às ideias de Leontiev (1970) afirma que o homem não nasce humanizado, para tanto é necessário que ele se aproprie da cultura, resultado do processo de construção de seu desenvolvimento histórico, já que o homem em sua relação com o meio, tanto permite uma atividade interna, isto é, desenvolve-se psiquicamente, quanto permite uma atividade externa, ou seja, apropria-se do conhecimento de mundo, promovendo a ampliação de sua qualidade enquanto sujeito social.

Leontiev (1970) afirma que mediante a necessidade de sobrevivência, o homem não só se adapta ao meio, mas o transforma, por meio do trabalho, isto é, de sua atividade produtiva e criativa. Por isso, compreender o caráter mediador da atividade com signos e instrumentos no processo de apropriação da cultura decorrente da atividade humana em geral é essencial para se compreender o desenvolvimento humano.

Nesta perspectiva, ao buscar o suprimento de suas necessidades que lhe é próprio, o homem produziu, por meio de suas ações, ferramentas essenciais para sua sobrevivência. A caracterização da educação e da atividade pedagógica como necessidade humana social gerada nesse processo é muito complexa, pois pressupõe um trabalho humano orientado a um objetivo, qual seja: o de educar para humanizar por meio da apropriação da cultura enquanto produto dos processos historicamente construídos pela humanidade; por meio de ações coletivas em prol de solucionar situações-problema que permeiam a vida em sociedade. Desse modo, a mediação é o eixo preponderante para se alcançar o objetivo de satisfazer a necessidade humana. E isso por meio da apropriação de elementos culturais na busca do conhecimento que proporcione uma nova qualidade desse sujeito, uma vez que a realização desta atividade o permita ser possuidor de novos bens culturais e de modos de agir que lhe servirão para realizar novas atividades. A autora identifica como principal objeto da atividade pedagógica a formação da personalidade humana. A complexidade da atividade pedagógica está na interdependência do ato de ensinar e do ato de aprender.

Assim sendo, Bernardes (2012) acentua o entendimento de que a escolarização vai além de fomentar nos educandos a apreensão do conhecimento como mera conquista de bens pessoais, pois em seu fundamento se propõe buscar o desenvolvimento da humanidade, resultante de ações conscientes e integradas que desembocam em sua humanização.

A autora sustenta esta ideia ao propor que a escola como instituição social destinada a formar a consciência dos sujeitos nela inseridos é o eixo central, o elo condutor, a instituição chave para o desenvolvimento psíquico e das características essenciais da aprendizagem, meio privilegiado para se alcançar os níveis mais altos da consciência humana, já que o ensino, para a autora, é um dos mais poderosos meios para a constituição da consciência e do desenvolvimento das propriedades mais importantes que caracterizam a consciência e a atividade dos estudantes, sujeitos participantes com plenos direitos do processo de ensino. De modo que, para ela, é fundamental que se devolva à escola e ao processo pedagógico os valores humanitários em contraposição aos valores mercantilistas que contribuem para a degradação da comunidade.

A autora arremata apontando o que considera ser imprescindível no processo educativo escolar: uma prática pedagógica transformadora; ter consciência sobre as possibilidades reais da educação como mediadora dos processos de transformação social; discernir a função social da escola como agência oficial que deve criar condições

para promover o desenvolvimento humano; visualizar o trabalho educativo como condição necessária para o processo de humanização; questionar as práticas que reproduzem as dinâmicas pedagógicas instituídas hegemonicamente. Dessa forma, os problemas educativos passam a ter novos sentidos diante do significado social da escolarização.

Vigotsky considera o ensino sistematizado um instrumento de mediação da cultura pelo gênero humano. A aprendizagem, por sua vez, faz parte de um sistema integrado presente nas atividades humanas em geral que possibilita a transformação da constituição da psique humana, bem como do desenvolvimento dos indivíduos de modo geral. Fundamentada em Vigotsky, que considera ser importante o acesso da criança ao conhecimento elaborado sócio historicamente para o seu desenvolvimento, Bernardes afirma ser “o ensino escolar como o contexto social que cria situações que possibilitam à criança vivências diferenciadas e que os leva à apropriação do conhecimento científico” (BERNARDES, 2012, p. 76).

Neste contexto, compreendemos que a escola é um lugar instituído historicamente que tem a função social de criar condições por meio da educação para que as crianças se humanizem, apropriando-se do que o homem produziu historicamente no campo do conhecimento e se desenvolvam em seus múltiplos aspectos. E é por meio da mediação de um saber que se cria possibilidades para compreender a função social da escola; como se ensina e como se aprende; as condições adequadas de ensino a fim de se promover as transformações do desenvolvimento da criança; como esse saber precisa ser apropriado para que haja a superação das condições sociais aí postas.

Analisar a relação entre o ensino e a aprendizagem como unidade dialética na atividade pedagógica entre educadores e educandos que formam e se transformam quando estão em atividade é, para Bernardes (2012), investigar as possibilidades reais de o ensino como instrumento mediador, intervir no processo de transformação dos indivíduos da sociedade.

A autora afirma ainda que a consciência do educador quanto ao lugar que ocupa na sociedade e quanto às condições reais de ensino pode criar ações da atividade de ensino capazes de promover a consciência dos educandos. Mas isso requer ações de ensino intencionalmente organizadas para possibilitar aos estudantes a consciência quanto ao lugar social que ocupam na sociedade e quanto à necessidade de estarem em atividade de estudo. A autora conclui que ao se mediar o conhecimento de modo intencional aos sujeitos singulares em condições particulares de vida em sociedade, se

favorece o desenvolvimento do pensamento teórico. Entretanto, a não apropriação da produção cultural histórica humana promovida na sociedade leva o homem a não usufruir das condições universais necessárias à sua humanização, permanecendo restrito às condições singulares da vida social que passa a se sobressair como condição de seu desenvolvimento o que não contempla suas possibilidades reais enquanto ser genérico e universal.

Neste contexto, cabe desenvolver por meio das relações educativas na escola a relação indivíduo-genericidade que é própria do pensamento teórico, uma das funções psíquicas superiores. Para que a organização do ensino favoreça tal desenvolvimento as relações educativas escolares devem convergir para a organização de um tipo de ensino que promova condições, circunstâncias e possibilidades de objetivação da relação singular-particular-universal própria do pensamento teórico. Tal relação é relevante para a didática.

As relações entre a singularidade e a universalidade presentes nas formas de pensamento no movimento do conhecimento e o estudo das manifestações da aprendizagem por meio da linguagem, de uma forma geral, são considerados relevantes para a psicologia histórico-cultural e para a didática como áreas do conhecimento científico que estudam as relações entre o ensino e a aprendizagem escolar (BERNARDES, 2012, p. 170).

## **Conclusões**

A compreensão do conceito de mediações simbólicas e de seu papel na educação escolar é fundamental para que a escola, em particular a escola pública, cumpra sua função como instituição oficial que tem a responsabilidade de promover a apropriação do conhecimento construído historicamente e de proporcionar condições que possibilitem o desenvolvimento das funções psicológicas superiores dos estudantes. Por sua vez, o professor necessita estar provido das condições teóricas e práticas para a organização consciente e intencional de sua atividade pedagógica tendo em vista o ensino para a promoção do pensamento teórico dos estudantes com os diferentes tipos de mediações simbólicas. Os conceitos e ideias aqui apresentados permitem concluir que o lugar das mediações simbólicas na organização da escola como um todo, deve ser considerado nas políticas educacionais para a escola pública, no processo de formação de professores, na organização e gestão escolar.

## **Referências**

BERNARDES, M. E. M. **Mediações Simbólicas na atividade pedagógica: Contribuições da Teoria Histórico-Cultural para o Ensino e a Aprendizagem.** Curitiba: CRV, 2012.

DAVÍDOV, V. V.; MÁRKOVA, A. K. La concepción de la actividad de estudio en los escolares. In: SHUARE, Martha (Comp.). **La psicología evolutiva en la URSS: Antología.** Moscú: Editorial Progreso, 1987.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo.** S.P: Moraes, 1970.

MARX, K. & ENGELS, F. **A ideologia alemã: teses sobre Fuerbach.** S.P: Centauro, 2002.

OLIVEIRA, R. A. A concepção de trabalho na filosofia do jovem Marx e suas implicações antropológicas. **Kínesis**, S.P, Vol. II, nº 03, pp. 72 – 88, Abr. 2010.

\_\_\_\_\_. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 11 ed. S.P: Ícone, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e Método em Psicologia.** S.P: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** S.P: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** S.P: Ícone, 1987.